

**Mulheres e ecologia nas Serras do Sertão do Brasil (porção norte da Bahia): o
ecofeminismo em movimento**

*Women and ecology in the Mountains of the Brazilian Sertão (northern region of Bahia):
ecofeminism on the move*

*Mujeres y ecología en las Sierras del Sertão de Brasil (parte norte de Bahía):
ecofeminismo en movimiento*

SILVA, Edilane Ferreira da

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: edilane.profissional@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6800-613X>

MARQUES, Juracy

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: juracymarquespshy@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2020-1785>

Recebido: 31/01/2024 | Revisado: 17/02/2024 | Aceito: 25/04/2024 | Publicado: 30/06/2024

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11518107>

RESUMO - Este artigo centra-se nas Serras localizadas na região norte do estado da Bahia, mais especificamente nos conflitos socioambientais que as atingem e na atuação das mulheres para a mitigação deles. O foco nas mulheres se dá tendo em vista as suas significativas atuações político-acadêmicas em movimentos como o Salve as Serras (SAS) e em brigadas. Assim, a pesquisa volta-se à análise do discurso dessas mulheres nos relatórios de denúncia elaborados pelo SAS e nas entrevistas realizadas com elas, tendo como perspectiva crítica o ecofeminismo, uma vez que, tanto as publicações quanto as falas evidenciam uma consciência das Serras como organismo vivo, seres de direito, e imprescindíveis para a nutrição da vida. Argumenta-se que há feições ecofeministas na atuação das mulheres serranas, defendendo-se a importância da educação ambiental e ecofeminista para a potencialização da agência em favor da Natureza.

Palavras-chave: Serras. Bahia. Ecocídio. Mulheres. Ecofeminismo.

ABSTRACT - This paper focuses on the mountains located in the Northern region of the State of Bahia, specifically on women's efforts to mitigate the socio-environmental conflicts that affect such mountains. The focal point on women is due to their significant political-academic actions in movements such as Salve as Serras – SAS (Save the Mountains) and in Brigades. Accordingly, this paper analyses the discourses of such women in the complaints elaborated by SAS and in interviews conducted with them. Ecofeminism is the critical perspective that guides this study, as the publications, as well as the discourses, demonstrate the awareness that the mountains are living organisms, beings with legal rights, and, therefore, they are indispensable for the maintenance of life. We argue that ecofeminist perspectives are aligned with the actions of the women in the mountains. We also defend that environmental and ecofeminist education is extremely important for potentializing agency on Nature's behalf.

Keywords: Mountains. Bahia. Ecocide. Women. Ecofeminism.

RESUMEN - Este artículo se centra en las Sierras ubicadas en la región norte del estado de Bahía, más específicamente en los conflictos socioambientales que las afectan y las acciones de las mujeres para mitigarlos. El foco en las mujeres se da a partir de sus significativas acciones político-académicas en movimientos como Salve as Serras (SAS) y en brigadas. Así, la investigación se centra en analizar el discurso de estas mujeres en los informes de denuncia elaborados por el SAS y en las entrevistas realizadas con ellas, tomando el ecofeminismo como una perspectiva crítica, ya que tanto las publicaciones como los discursos muestran una conciencia de las Sierras como organismo vivo, seres con derechos y esenciales para la

nutrición de la vida. Se argumenta que existen rasgos ecofeministas en el accionar de las mujeres montaÑesas, defendiendo la importancia de la educación ambiental y ecofeminista para potenciar la agencia a favor de la Naturaleza.

Palabras clave: Sierras. Bahía. Ecocidio. Mujer. Ecofeminismo.

INTRODUÇÃO

As Serras do Sertão do Brasil – porção norte da Bahia – integram a Cordilheira do Espinhaço e envolvem a Chapada Diamantina. Ambientes de montanha como esses, conforme explicam Amazile Lópes Netto e Juracy Marques (2022, p. 110), produzem “(...) considerável quantidade de recursos hídricos, sendo, dessa forma, importantes na produção de serviços ambientais. (...) Destaca-se ainda o valor como depósitos de diversidade genética e na história agroambiental da humanidade”.

É importante considerar ainda que essas Serras se localizam em territórios predominantemente de bioma Caatinga, sendo um oásis no Sertão. Contudo, as riquezas naturais e a alta biodiversidade dessas regiões estão sendo ameaçadas pela ação indiscriminada de perfuração de poços e, especialmente, pelos grandes empreendimentos capitalistas, mais especificamente voltados à mineração e às energias eólica e solar. Recentemente, inclusive, foi noticiado, em diversos sites e programas jornalísticos, que a Polícia Federal (PF) descobriu pontos de garimpo em uma fazenda localizada em Jaguarari, Bahia, a partir da qual é exportado quartzo verde, de forma ilegal, para a China.¹

Nesse contexto, desde 2020, o Movimento Salve as Serras (SAS) vem denunciando, sobretudo a partir da produção de relatórios, os crimes socioambientais realizados nessas regiões. Tendo em vista a relevância desse movimento para o confronto e a mitigação desses danos voltados a humanos e a mais-que-humanos,² neste artigo, analisamos esses relatórios, observando a atuação das mulheres por meio da produção científica sobre esses conflitos.

Além disso, com base no engajamento evidente, realizamos entrevistas

¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pf-descobre-rota-de-envio-de-minerio-quartzo-verde-do-brasil-para-a-china-em-conteineres/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

² É necessário assinalar que mais-que-humano é uma expressão de Alaimo (2017 (2010)) usada de forma intercambiada com não humano, contudo, a partir de uma compreensão que descentraliza o humano, desfazendo oposições (Silva, 2021).

semiestruturadas com mulheres do SAS que se encontram em destaque, atuando diretamente na coordenação do movimento, do mesmo modo que com outras mulheres, que agem pela preservação dos recursos naturais na região, por meio, por exemplo, das brigadas. Aqui, portanto, analisamos os discursos dessas mulheres nos relatórios de denúncia elaborados pelo SAS e nas entrevistas realizadas com elas, com base na perspectiva ecofeminista, uma vez que as publicações e as falas evidenciam uma consciência das Serras como organismo vivo, seres de direito, e imprescindíveis para a nutrição da vida.

As mulheres são aqui o foco do nosso estudo por uma questão, antes de tudo, histórico-social. Sabemos que, no decorrer da história, a legitimação das suas vozes e das suas racionalidades foi negada pela Modernidade (Silva, 2021), e na ciência, obviamente, esse lugar não foi diferente, como demonstraremos adiante, ao mencionarmos Rachel Carson. Nesse sentido, analisamos as vozes faladas e escritas dessas mulheres, compreendendo que, na conjuntura dos conflitos ambientais presentes nas Serras do Sertão do Brasil, elas têm sido efetivas e extremamente necessárias. Cabe pontuar que o ecofeminismo, ainda que reconheça criticamente que a opressão contra a Natureza caminhou (e ainda caminha) de mãos dadas com a opressão das mulheres, trata-se de um viés crítico que reconhece que essa dominação também se voltou a pessoas negras, a crianças e a pobres, os quais Karen Warren (2000) se refere como “human Others” (“Outros humanos”). A dominação da Natureza é representada pelos animais, pelas florestas e pela própria terra, caracterizados pela ecofeminista como “earth Others” (“Outros da terra”).

A primeira parte deste artigo se dedica, pois, à análise das falas das mulheres entrevistadas, apontando diálogos com o viés ecofeminista, no sentido da não essencialização da conexão dessas mulheres com a Natureza e da importância de uma educação ambiental e ecofeminista para a melhor conscientização e para o engajamento das mulheres serranas, frente às ameaças protagonizadas pelos grandes empreendimentos. Já a segunda volta-se aos relatórios do SAS e à atuação das mulheres por meio da escrita técnico-acadêmica.

ECOFEMINISMO E A ATUAÇÃO DE MULHERES SERRANAS

(...) uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.

—Cora Coralina, no poema “Ressalva”, do livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*

(...) existe também uma ecologia do mundo em nosso corpo.

—Rachel Carson, em *Primavera Silenciosa*

Em 1973, em Chipko, região do Himalaia, na Índia, diferentes mulheres se reuniram para abraçar árvores, no intuito de que elas não fossem destruídas: “Cada mulher tem uma árvore que lhe pertence para proteger e cuidar, envolvendo-a com seu corpo quando as máquinas de terraplanagem chegam” (King, 1997, p. 146). Essa ação ficou conhecida como o “movimento Chipko”, ou “movimento de abraço às árvores”. Vandana Shiva, uma das principais referências do ecofeminismo no mundo hoje, era uma dessas mulheres.

Já em março de 1980, em Amherst, como resposta ao derrame em Three Mile Island, mulheres se reuniram, nos Estados Unidos, para a realização do evento “As Mulheres e a Vida na Terra: uma conferência sobre o Eco-feminismo na década de 80”. “Nesta conferência foram exploradas as ligações entre as feministas, a militarização, a cura e a ecologia” (Mies; Shiva, 1993, p. 25). O termo, no entanto, foi utilizado pela primeira vez pela francesa Françoise D’Eaubonne, em 1974.

Com Ynestra King, neste trabalho, compreendemos que

O ecofeminismo trata da interligação e da abrangência da teoria e da prática. Reivindica a força e a integridade especiais de todas as coisas vivas. (...) Vemos, como uma preocupação feminista, a devastação da Terra e dos seus habitantes pelos guerreiros empresariais e a ameaça do extermínio nuclear pelos guerreiros militares (King *apud* Mies; Shiva, 1993, p. 25).

É necessário ressaltar que, embora mencionemos o ecofeminismo no singular, existem diferentes correntes ecofeministas (liberal, cultural, social/socialista...), além de outras expressões que carregam proposta semelhante (justiça ambiental, feminismo material etc.) – a problematização disso foge ao escopo deste trabalho. No entanto, de

antemão, argumentamos que o(s) eco(s) feminismo(s) que lemos na atuação das mulheres entrevistadas se alinham aos vieses cultural e social, na medida em que

(s)eparadamente, perpetuam o dualismo de ‘mente’ e ‘natureza’. Juntos, tornam possível uma nova relação ecológica entre a natureza e a cultura, na qual mente e cultura, coração e razão, podem somar forças para transformar os sistemas internos e externos de dominação, que ameaçam a existência da vida na terra” (King, 1997, p. 146).

Voltando à cronologia inicialmente abordada, em 1962. i. e., antes mesmo desses movimentos denominados ecofeministas, a bióloga estadunidense Rachel Carson lançou a influente obra *Silent Spring* (Primavera Silenciosa), que denunciava os perigos e as consequências do Dicloro-Difenil-Tricloroetano (DDT) para as saúdes humana e não humana. Com Linda Lear (2010, p. 11), ressaltamos que “(...) Carson desencadeou um debate nacional sobre o uso de pesticidas químicos, a responsabilidade da ciência e os limites do progresso tecnológico”, embora o fato de ela ser uma mulher, e do ramo da biologia (não valorizada na era nuclear), tenha-a excluído das instituições científicas, já que “(n)os Estados Unidos do pós-guerra, a ciência era Deus, e a ciência era masculina” (Lear, 2010, p. 12). Como explica Alicia Puleo (2019, p. 165), “(a)pós a sua morte, a sua figura foi devidamente reconhecida e recordada pelo movimento ecologista e ecofeminista como uma pioneira que revelou a vulnerabilidade humana que a destruição do ecossistema gera”.

Em Carson, vemos, portanto, uma mulher militando – nesse caso, por meio da escrita científica – contra a destruição da natureza e, por extensão, dos seres humanos, já que “(o) ser humano, por mais que finja o contrário, é parte da natureza” (Carson, 2010, p. 163); e o que acontece com a natureza externa, inevitavelmente, ressoa nas naturezas internas e nas corporalidades humana e mais-que-humana, como argumenta a epígrafe de Carson que abre este trabalho e a discussão tecida por Stacy Alaimo (2017), quando esta, em sua abordagem sobre movimentos transcorpóreos, explica que transcorporalidade é “(...) o tempo-espaço em que a corporalidade humana, em toda sua carnalidade material, é inseparável da ‘natureza’ ou do ‘ambiente’” (Alaimo, 2017, p. 910).

É esse movimento transcorpóreo que pode ser lido na re-ação da professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pesquisadora, atuante da área de comunicação e política, com estudos centrados em conflitos socioambientais, Gislene Moreira Gomes. Moradora de Palmeiras (Chapada Diamantina-BA), ela – pelos idos de 2015 – passa a integrar, efetiva e intensamente, a Brigada Camelo, que se vincula ao Vale do Cercado.

Gislene, desde então, se dedica de forma direta (“minha casa é quase uma central de combate a fogo”, afirma) e política contra as queimadas na região, junto ao seu companheiro, engenheiro de telecomunicações que atua na parte operacional, na logística e nos treinamentos, pois também faz escalada; ao passo que ela se responsabiliza pela mediação com os órgãos governamentais, pela mobilização de autoridades e comunicação de imprensa.

Essa dedicação se deu após a professora, puérpera, ter sido obrigada a sair correndo com o seu bebê nos braços, ao ver o fogo atingir a sua casa, ameaçando destruí-la e colocando em risco a vida da sua família. Apesar de ela, o bebê, o seu companheiro, a sua casa e os animais (que foram soltos mata a dentro) terem se livrado das chamas, as plantações foram atingidas, e isso foi determinante para a transformação do seu olhar sobre o fogo e a sua existência naquele lugar. Antes, tido como um lugar exclusivo para o descanso. Gislene coordena o Observatório dos Conflitos Ambientais da Chapada Diamantina, a OCA, monitorando os conflitos, e o fogo é uma das suas categorias de análise.

Como argumenta Karen Warren (2000), em situações de perigo derivado de desastres ambientais, as crianças, as mulheres e os idosos são os primeiros a serem atingidos, por questões de ordem social/cultural. Nesse sentido, “uma mulher parida, com o bebê se alimentando exclusivamente do seu corpo, experiencia uma aproximação com a natureza selvagem que nenhum outro corpo, além do da fêmea, foi/é, ainda, capaz de experienciar” (Silva; Marques, 2024, p. 132). Diante de um risco de morte, sobretudo de um ser indefeso como é o caso de um bebê, essa mãe acessa um lugar ainda mais profundo de preservação da vida, o que significa preservar a própria natureza, haja vista os movimentos transcorpóreos mencionados.

Foi também a desterritorialização e os seus impactos humano-ecológicos que fizeram com que a professora Maria Rosa Almeida Alves dedicasse parte significativa da sua vida à militância ecológica:

Fui desterritorializada com 10 anos, saí com meus pais do nosso lugar (interior de Esplanada-BA), onde produzíamos a vida numa área de mata atlântica a 6 km do manguezal, porque uma empresa comprou as terras das vizinhanças para derrubar a mata e plantar eucalipto. Desde essa época eu entendi que a natureza deve ficar quieta, no seu lugar.

Ela, hoje, é uma das moradoras da localidade Serra dos Morgados, região serrana pertencente ao município de Jaguarari, Bahia. Em sua juventude, mais especificamente em 1990, lutou com êxito, junto a outras mulheres e a homens, contra a implantação de uma fábrica de celulose que jogaria dejetos na praia de Porto de Sauípe e Massarandupió. Contudo, esse mesmo território foi tomado por um complexo hoteleiro (Resortes de Sauípe), que, segundo a entrevistada, gerou expulsão de famílias e grandes mudanças ambientais.

Maria Rosa retoma uma vida mais conectada à natureza, decidindo morar na Serra dos Morgados, porém, se depara com a escassez de água e com as interferências na fauna e na flora do lugar ocasionadas por ações de mineradoras, pela perfuração indiscriminada de poços e por empresas de energia eólica e solar que começam a impor domínio na região. Ao ser questionada sobre de que forma acredita que está contribuindo para a preservação da Serra, responde:

Tenho contribuído à medida que busco informação e formação sobre todos esses processos e tenho divulgado esses conhecimentos, informações etc. De forma coletiva, individual, de forma acadêmica (publicações), ou no cotidiano com as pessoas com quem converso.

E os principais meios para essa atuação da professora são a participação no Movimento Salve as Serras e os estudos desenvolvidos no Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), da Universidade do Estado da Bahia, nas condições de mestranda e doutoranda. Essa vinculação institucional com a UNEB e com o SAS também é a via pela qual a professora e coordenadora do projeto de extensão Observatório Popular de Mineração e Energia Eólica, Maryângela Ribeiro de Aquino Lira Lopes, atua contra os conflitos socioambientais nas Serras do Sertão:

Na condição de professora de Direito Ambiental e Direitos Humanos sempre pautei meu trabalho no combate a todas as formas de agressão e crimes que recaem sobre a natureza. Como doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Ambiental, conduzi minha pesquisa e estudos voltados aos impactos socioambientais provocados pela mineração em Comunidades Tradicionais. Enfim, ao longo da minha vida, como cidadã, sempre militei ao lado dos movimentos sociais e ambientais.

Para ela, a natureza representa um sujeito de direito, que deve ser respeitado e preservado, o que coaduna a exigência do SAS: "(...) que o assassinato das nascentes, rios e cachoeira das Serras da Jacobina seja tipificado como crime de ecocídio (...) e que, a

natureza, seja, também, tratada como 'sujeito de direito' (...)” (Marques; Barreto; Mendes, 2021, p. 53). Assim, afirma:

(...) torna-se urgente e necessário fortalecer a luta contra o capitalismo que caminha, exatamente, na contramão da preservação ambiental. As serras, também como elemento vivo da natureza e com expressivos significados simbólicos e múltiplos valores, devem estar livres das investidas do capital por meio dos empreendimentos minerários e eólicos, que representam uma grave ameaça para essa paisagem natural e cultural, com impactos não apenas ao meio ambiente, mas, também, à saúde, à qualidade de vida e demais dimensões da vida das comunidades em seu entorno.

Esse olhar crítico sobre o capitalismo dialoga com o ecofeminismo, para o qual “(o) colonialismo e o capitalismo transformaram as terras e o solo, fontes de vida e de provisões, em propriedade privada para ser comprada e vendida e conquistada (...)” (Shiva, 1993, p. 141). Nesse sentido, Maryângela destaca a importância do SAS ao contribuir com estudos e pesquisas sobre os impactos socioambientais e na denúncia relacionada à negligência do poder público no que se refere a uma “discussão mais séria sobre as consequências desses projetos (parques eólicos, solares e atividades de mineração), além do desrespeito aos direitos e a autodeterminação das comunidades tradicionais e da natureza”. E frisa, especialmente, o papel significativo de mulheres nesse movimento, mencionando a participação de duas mulheres na coordenação, que, segundo ela, têm contribuído na condução e gestão do movimento.

Uma dessas mulheres é Andreza Barreto, servidora técnica administrativa da UNEB, que viveu no campo até os 15 anos de idade, acompanhando o pai, agricultor familiar, nos cuidados com as plantações e com os animais. O SAS foi a sua primeira participação efetiva na militância contra os crimes ambientais nas Serras do Sertão, mas, desde 2016, já ensaiava esse engajamento representando a UNEB junto à Comissão de Acompanhamento do Empreendimento (CAE) da mineradora de ouro Jacobina Mineração e Comércio.

Quando questionada sobre como avalia a representatividade e atuação das mulheres no SAS, afirma que essa presença é forte e crescente, detalhando:

(...) principalmente com a ampliação da participação de mulheres na liderança de associações de moradores de comunidades tradicionais, mulheres no comando de quintais produtivos, mulheres participando de conselhos deliberativos e consultivos, mulheres atuando em brigadas voluntárias de combate a incêndios florestais, que também organizam

mutirões de limpeza em áreas de rios e cachoeiras... vejo também muitas mulheres se interessando para receber formação para atuar como condutoras ambientais, para construir esgotamento rural sustentável, para aprender técnicas de bioconstrução e para fazer reflorestamento.

E complementa: “Eu enxergo assim: nas organizações que possuem mulheres na liderança, as coisas fluem com muito compromisso e não ocorre desistências, nem abandono de projetos”. É possível associar essa percepção de Andreza a um fato da cultura patriarcal: homens que abandonam seus lares, devido às responsabilidades, com mais facilidade e frequência que as mulheres.

Elizabete Cruz Martins é liderança na Associação de Moradores da Serra dos Morgados, sendo também agente de saúde nessa localidade, onde reside. Ela é integrante e atuante no Movimento SAS, participando efetivamente de reuniões, eventos e denúncias: “faço parte de movimentos sociais como o Salve as Serras e as associações, que são fontes que protege a natureza. E quando acontece de ver queimadas, a gente liga para os órgãos competentes”. Outra integrante do SAS que também é uma liderança comunitária, estando na gestão da Associação de Moradores do Brejo da Brásida, em Sento Sé, é Mariluze Oliveira Amaral. Um dos seus grandes envolvimento contra os crimes ambientais está relacionado às queimadas. Segundo ela, desde 2018, quando criaram as unidades de conservação, vem acontecendo numerosos incêndios no município. Nesse sendo, explica:

O meu envolvimento foi com o primeiro incêndio. A nossa Associação localizou o incêndio na serra a partir da observação de moradores, comunicamos a brigada na chapada Diamantina e ajudamos na alimentação até o ICMbio e a Prefeitura Municipal tomar conhecimento.

Em sua fala, fica evidente o papel dessas lideranças femininas na articulação de entidades e órgãos competentes para a preservação dessa natureza constantemente ameaçada por crimes capitalistas e pela inconsciência ambiental. Ela ainda afirma: “Na nossa cidade, existe a Brigada Força e Resgate, e eles costumam fazer Educação Ambiental e ensina a população a se comportar ante aos incêndios. Somos parceiros e nas ações de Educação Ambiental e Patrimonial também falamos dos riscos e perdas”, entendendo que

(...) a educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos

naturais (para ficar só nesse exemplo), mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental (Reigota, 2010, p. 11).

Mariluze ainda destaca que a coordenadora da brigada é uma mulher muito atuante nas questões ambientais. A participação em brigadas, como podemos notar, é uma das formas pelas quais algumas das mulheres das Serras têm atuado em defesa da Natureza. Juanita Duarte integra a Brigada Jaguatirica desde 2014, quando foi fundada: “o que me levou a atuar na brigada foi o meu amor pela natureza e pelo próximo”, explica, acrescentando que

As mulheres da Serra dos Morgados são atuantes quando necessário em qualquer circunstância, e não só em combates. Em nossa região e em outras cidades já participamos de combates grandes, onde fizemos o controle total de incêndios. Suas principais causas foram fogos de artifícios, cigarros, velas em rituais, e aceiros em roças para deixar limpo para o plantio, onde o vento propagou mais rápido o fogo. O fogo é a principal fonte de energia para o ser humano. O mesmo pode ser criado, controlado, manipulado com responsabilidade.

É importante destacar que mulheres das Serras, como Gislene e Juanita, combatem o fogo que destrói e nutrem o fogo [(transform)ação] que constrói, e isso “(...) é um passo ecofeminista no sentido dos retecimentos, das curas e das interligações urgentes e necessárias” (Silva; Marques, 2024, p. 129). Outra questão central dessa discussão é o essencialismo que pode ser lido em algumas das falas dessas mulheres, quando perguntadas sobre como veem o papel das mulheres e dos homens, diante das questões ambientais:

As mulheres (...) não anda queimando tudo. O homem só pensa em fazer as queimadas (Elizabeth).

Sinto que quando converso com outras mulheres, elas ficam tocadas e sensibilizadas com uma facilidade maior do que os homens. É como se despertasse o instituto do “cuidar e proteger” (Andreza).

Contudo, como explica Maria Mies (1993, p. 209):

(a) natureza é, como dizem os Índios Americanos, a nossa mãe, não uma mera fonte de matérias-primas, ela é um sujeito, matéria animada, espírito materializador. Esquecemos que aquilo que lhe fazemos é a nós próprios que o fazemos. As mulheres, devido à sua vivência histórica da violência patriarcal e, apesar disso, ao conhecimento que têm da sobrevivência, têm

menos probabilidades do que os homens de esquecer isto. São as mulheres e alguns homens – quem, na luta contra a destruição da base de sobrevivência – começou a desenvolver uma visão nova, realista, de outro relacionamento entre os humanos e a natureza.

Em outras palavras, não é apenas o fato de serem mulheres que faz dessas entrevistadas mais próximas da natureza e conscientes da sua importância para a vida humana e mais-que-humana, mas as questões interseccionais que as atravessam (gênero, classe, raça etc.) e que permitem que elas sintam mais de perto os movimentos transcorpóreos. Aqui, lemos mulheres que vivem nas Serras, nas matas, e que, portanto, sofrem mais diretamente os efeitos dos crimes ambientais; assim como mulheres engajadas na defesa ecológica a partir de uma consciência construída pela via dos estudos e das pesquisas. As mulheres entrevistadas, vale reiterar, atuam por meio de movimentos sociais e de projetos acadêmicos, ou seja, pelas vias da experiência e da construção intelectual/consciencial. Nesse sentido, Maryângela afirma:

A busca das mulheres por participação nas tomadas de decisão e a busca por espaço em papéis de liderança está se fortalecendo. A mulher sempre teve uma relação muito próxima com a natureza, com destaque à mulher camponesa, que lida com a terra e adota práticas tradicionais de preservação ambiental. Para se efetivar a proteção ambiental é necessário garantir a justiça social e essa só será possível com a participação das mulheres.

Um outro elemento que se apresenta na fala das entrevistadas – e que aqui é lido como importante definidor da conexão das mulheres em foco com a natureza –, é a espiritualidade, como uma das responsáveis por essa interconexão. Elizabete afirma: “Já me envolvi buscando ajuda dos outros e também em orações que faz com que ele se apague”. Nessa fala, há dois pontos a serem considerados. O primeiro é que, como demonstrou Netto (2017, p. 123-124), “(v)ários homens e mulheres da Serra dos Morgados rezavam: para acabar com mal olhado, dor de barriga, ‘vento caído’, veneno de animais peçonhentos, contra arma branca e arma de fogo, acabar com fogo na mata e curar os animais”, ou seja, a reza dirigida aos desastres ambientais é uma prática ancestral na comunidade. O segundo diz respeito a uma integração do imanente (a natureza) com o transcendente (a reza, certamente, é voltada a deuses/as), em função da defesa da natureza imanente e compreendendo que forças transcendentais interagem com ela (dependendo da crença, como a de matriz africana, essas forças a habitam (os orixás)).

Para Rosa Maria, é justamente o desenvolvimento da espiritualidade que a permite se ver como parte dessa Natureza:

(...) percebo uma consciência mais próxima e sensível em relação à natureza. Entendo os elementos naturais como parte da vida que vive em mim. A razão talvez esteja ligada ao desenvolvimento da espiritualidade (Rosa Maria).

Com Andy Smith (1997, p. 31), compreendemos a espiritualidade como:

(...) a vida de uma pessoa. Espiritualidade não é algo sobre o que se lê ou que se adquire em determinado dia da semana. É viver a própria vida com a compreensão de que se está intimamente conectado a toda criação, a todas as forças visíveis e não visíveis (...) (É) o que nos mantém unidos contra as forças da opressão.³

É essa a espiritualidade que lemos na fala de Rosa Maria. Uma espiritualidade centrada na Terra, “(...) na vida cotidiana, no nosso trabalho, nas coisas que nos rodeiam, na nossa imanência”, como também compreendem as ecofeministas Mies e Shiva (1993, p. 29). Só o desenvolvimento de uma espiritualidade assim é capaz de (re)conectar o ser humano à Natureza que o circunda e à sua natureza interna. Como ainda defende Shiva (1993, p. 139), “(...) a renovação da sociedade envolve a preservação da integridade da terra; implica tratar a terra como sagrada”.

Essa espiritualidade pode ser desenvolvida, a partir de práticas de reconexão pela via ritualística ou, mesmo, pelo percurso acadêmico/de pesquisa seguido; ou nutrida desde uma ancestralidade e infância imersas no campo, como foi o caso de Andreza:

Eu cresci ouvindo meu pai e minha mãe falando que todo canto do mato tem um guardião, que para entrar na mata era necessário pedir licença e levar um alho no bolso para não se perder, ou então um pedacinho de fumo para agradar a caipora. Que para cortar o galho de uma árvore era preciso avisar antes, para ele não sentir dor na hora do corte feito com machado ou facão. Eles falavam também que para retirar folhas para chá tinha que ser de manhã cedo, quando a planta estava cheia de vida e fresquinha, mas que tinha que pedir licença. Meu pai nunca deixou ninguém caçar, nem pescar ou matar pássaros no terreno dele. Ele tinha o cuidado de manter um pedaço da terra com mata preservada e me mostrava cada flor nova que brotava das bromélias e das árvores.

³ Tradução de Izabel Brandão. No original: “(...) spirituality is one`s life. Spirituality is not something one reads about or something one gets at a certain place a certain day of the week. It is living one`s life with the understanding that one is intimately connected to all of creation, all forces seen and unseen”.

Essa educação doméstica foi definidora para o ser humano ecologicamente ético e para a profissional que Andreza se tornou, sendo, hoje, uma das pessoas mais atuantes no SAS. Inclusive, o seu contato inicial com o movimento ocorreu, também, pela via intuitiva. Apesar de extenso, vale explicitar o relato do sonho da entrevistada:

A primeira “convocação”, eu recebi através de um sonho onde visualizei um grupo de pessoas reunidas em um auditório imenso, com o objetivo de discutir estratégias para combater incêndios florestais nas serras de Jacobina, lutar de forma coletiva contra o avanço das mineradoras e me convidaram para fazer um voo de helicóptero por cima de toda a extensão da Serra da Jacobina. Durante o voo, eu vi um paredão de aerogeradores gigantes, muitos focos de incêndio, um líquido preto parecido com petróleo derramando nas nascentes e pequenos córregos de água... (até a data daquele sonho, eu não sabia quase nada sobre empreendimentos eólicos, muito menos sobre os projetos previstos para instalação na região de Jacobina). No retorno do voo de helicóptero, o grupo voltou a se reunir e lembro de ver metas anotadas em uma lousa: 1. Restauração de ecossistemas para recuperar nascentes; 2. Protocolar denúncias contra mineradoras e empreendimentos Eólicas; 3. Usar as redes sociais para divulgar a riqueza da biodiversidade das serras e denunciar a devastação socioambiental...

E complementa:

No segundo voo de helicóptero, no mesmo sonho, eu já visualizei as torres sendo retiradas, uma vegetação verde ocupando os lugares das queimadas e várias máquinas retirando o “petróleo” que sujou nas nascentes. Logo em seguida, me vi no sítio de uma amiga em Itaitu, onde vários indígenas estavam fazendo pinturas no corpo e uma delas me ensinou que era necessário cortar o jenipapo para fazer tinta (até então, eu também não sabia que uma das tinturas utilizada pelos indígenas é feita com jenipapo). Acordei me sentindo com o corpo físico esgotado, a cabeça doendo e as memórias do sonho muito nítidas. Antes de dormir, eu senti vontade de tomar um banho com folhas de Jurema, que havia colhido no dia anterior na roça de meu pai. Eu fui até lá coletar alecrim do campo para tomar um banho, mas ao invés do alecrim, a intuição pediu para retirar uns galhos verdes de Jurema... (eu também não sabia nada sobre os poderes psicodélicos da Jurema).

Andreza ainda relata que, no dia seguinte a esse sonho, fez uma visita a uma amiga, num sítio em Itaitu, na Chapada Diamantina. Durante uma caminhada, pararam sob um jenipapeiro e, lá, essa amiga contou sobre um amigo que estava reunindo um grupo de pessoas em um movimento denominado Salve as Serras e a convidou para integrá-lo. Andreza aceitou imediatamente o convite e relatou o sonho à amiga. O jenipapo, a Jurema (predominante na região e usada de forma ritualística), os grandes empreendimentos, as

metas traçadas pelo grupo e a esperança de regeneração eram prenúncios de uma realidade iminente:

No primeiro encontro presencial que tive com Juracy, Gustavo Negreiros, Richard, Amilton e Paulo Henrique durante uma reunião com servidores do INEMA, quando mostraram a imagem do mapa do Complexo Eólico Ventos de Santa Diana, eu me arrepiei, porque foi igualzinha a que vi no sonho (Andreza).

Ainda que a conexão de algumas dessas mulheres pareça essencialista, aqui, como já assinalamos, defendemos que essa vinculação se dá por uma experiência concreta e não pelo sexo em si, haja vista que “(...) a mulher está mais próxima desta perspectiva (ecofeminista) do que o homem – as mulheres do Sul que trabalham e vivem, lutando pela sua sobrevivência imediata estão mais próximas dela do que as mulheres urbanas e da classe média e os homens do Norte” (Mies; Shiva, 1993, p. 32). Além disso, esse essencialismo seria estratégico, na medida em que é a partir dele que essas mulheres resistem e lutam, em favor da Natureza e das suas próprias vidas, ou seja, das suas próprias naturezas. É importante ressaltar, com Greta Gaard (2011), que esse ecofeminismo qualificado como essencialista (o ecofeminismo cultural ou espiritualista, sobretudo), no decorrer da história social, exerceu (e ainda exerce) um importante papel nas conquistas feministas, sociais e ecológicas. Segundo a crítica, usado estrategicamente, esse essencialismo trouxe (e traz) contribuições significativas para o ativismo direto e para o desenvolvimento de perspectivas críticas em que o lugar da biologia nas discussões feministas é ressignificado, como faz Stacy Alaimo em seu feminismo material.

Aqui, portanto, argumentamos que as mulheres serranas entrevistadas são atuantes na luta contra os crimes ambientais e defensoras da Natureza, vendo-se como parte dela. E isso ocorre devido a uma educação formal e não formal centrada na Terra: uma parcela é composta por mulheres que nasceram e/ou viveram no campo, em contato direto com essa natureza ameaçada (dependendo exclusivamente dos seus recursos para sobreviver) e outra por mulheres que chegam a essa militância a partir de uma consciência ambiental desenvolvida pelos estudos científicos e pelo envolvimento com os movimentos sociais.

Rosa Maria (liderança de uma associação de mulheres) relata:

(...) tenho visto as mulheres envolvidas em contextos muito individualistas, que roubam a dimensão comunitária. Exemplo: Não há discussão sobre os problemas socioambientais, se enxerga apenas um recorte do problema.

Quando falta água na comunidade, as mulheres discutem a compra de um reservatório maior, e não o problema mais amplo, de para onde vai a água da Serra e por que tem ido sem a permissão da comunidade... Falta discussão sobre tudo o que vem contribuindo para a escassez da água.

Essa fala alerta para a importância de uma educação ambiental e, acrescentamos, ecofeminista, voltada às mulheres que vivem nas Serras em questão, o que reitera a nossa defesa de que a educação ambiental, seja ela formal ou informal, assim como as experiências concretas são determinantes para a forma como o ser humano – seja ele dos gêneros feminino ou masculino – age em relação ao mundo mais-que-humano. Ou seja, o olhar e a ação ecofeministas são construídas a partir de experiências de vida e do conhecimento adquirido, sendo a relação direta com o campo, o envolvimento político com movimentos sociais articulados a uma visão crítica sobre as relações humanos-ambiente, o desenvolvimento espiritual e a pesquisa técnico-científica fundamentais nesse processo.

A nossa leitura, pois, é a de que a atuação em brigadas e a participação de mulheres no Movimento Salve as Serras são feições de uma atuação de viés ecofeminista, especialmente porque, como já mencionamos, o ecofeminismo articula teoria e prática, reivindicando a vida em todas as formas de vida. São mulheres que, em diálogo com o poema de Cora Coralina cujo trecho abre esta seção, atuam removendo as pedras impostas pelos grandes empreendimentos e plantando flores de esperança e de transformação, convidando a um olhar crítico sobre a Natureza e a uma (re)conexão com ela e com a nossa própria natureza interna.

É importante destacarmos que, quando questionadas sobre o conhecimento acerca do ecofeminismo, as repostas indicaram desconhecimento ou conhecimento tangencial, como demonstram as falas de Andreza e de Rosa Maria, com exceção do discurso de Maryângela, que demonstrou um conhecimento teórico a respeito:

Eu não conheço ainda o conceito de Ecofeminismo. Você me deixou curiosa para pesquisar futuramente sobre o tema (Andreza).

Conheço pouco, mas creio que a minha atuação se insere dentro de uma luta socioecológica, não focada totalmente no ecofeminismo. Porém, a consciência desse lugar de pertencimento eu tenho, embora seja ainda muito na individualidade (Rosa Maria).

(...) o ecofeminismo tem buscado fazer uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres. A filosofia do ecofeminismo critica o modelo econômico e cultural ocidental que se construiu e se mantém por meio da colonização e da subalternização das mulheres, dos povos

tradicionais e da natureza (Maryângela).

Cabe ressaltar que o ecofeminismo “é um termo novo para um saber antigo”, como elucidam Mies e Shiva (1993). Portanto, independentemente de conhecerem o conceito e os seus desdobramentos, essas mulheres praticam, sim, um ecofeminismo, assim como muitas outras mulheres que a precederam. Desse modo, argumentamos que há um viés ecofeminista na atuação dessas mulheres, assim como de homens que mantêm uma relação ética com as naturezas que os circundam, humana e mais-que-humana. A consciência política das bases ecofeministas dessa ação, a nosso ver, potencializaria as direções e os efeitos dessa luta em favor da Natureza e de todas as formas de vida que nela se manifestam.

MOVIMENTO SALVE AS SERRAS E A AGÊNCIA DE MULHERES

Conforme mencionado no tópico anterior, uma das atuações das mulheres das Serras do Sertão da Bahia (porção Norte), relacionadas à militância ecológica, ocorre pela via acadêmica, através de pesquisas e publicações. E os relatórios elaborados pelo Movimento Salve as Serras (SAS) são um desses importantes espaços de denúncias dos ecocídios que vêm ocorrendo nesses ambientes de montanha. Outros, evidentemente, são as publicações em periódicos, resultantes, especialmente, dos trabalhos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ao qual o SAS se vincula.

Neste tópico, portanto, abordaremos o SAS mais diretamente, evidenciando o seu importante papel na defesa da biodiversidade e das vidas humana e mais-que-humana nas Serras da Jacobina (Serras do Sertão baiano), bem como na denúncia da morte de nascentes e de rios, da fauna e da flora, provocada pela perfuração indiscriminada de poços e pelos grandes empreendimentos eólicos e minerários. Isso, ressaltando a publicação de autoria feminina e analisando o possível olhar ecofeminista delas.

Em 2020, o professor Dr. Juracy Marques, com outros/as profissionais, assim como com moradores/as de diferentes localidades que constituem as Serras da Jacobina, lançaram o SAS, a partir do projeto “Trilha das Cachoeiras”, que consistiu numa caminhada partindo da Serra dos Morgados, em Jaguarari, Bahia, até a Igreja de São Miguel das Figuras, situada entre os municípios baianos de Saúde, Caém e Jacobina. A motivação foi

evidenciar o potencial hidrográfico e ecoturístico, de base sustentável, da região das Serras da Jacobina.

Desde então, o movimento cresceu, mobilizando pessoas de diversas frentes: lideranças comunitárias e pesquisadores/as de universidades públicas brasileiras. Além disso, o SAS se tornou um projeto vinculado ao PPGEcoH e à Nova Cartografia Social do Brasil. Além de mobilizações e denúncias junto ao Ministério Público, campanhas e projetos de revitalização das águas e do ecoturismo de base sustentável, o SAS vem elaborando e publicando importantes relatórios que evidenciam as riquezas naturais das Serras, a presença dos povos tradicionais nesses territórios e os crimes praticados pelos grandes empreendimentos.

O volume 1 dos relatórios elaborados e publicados pelo SAS, intitulado *Ecocídio das Serras do Sertão* (2021), organizado por Juracy Marques e Alfredo Wagner, tem como escopo, sobretudo, a morte dos rios e das cachoeiras das Serras da Jacobina. Nele, há produção de 9 mulheres (de um total de 20 autores/as), uma delas sem coautoria e outra escrita por 4 mulheres, sem participação masculina. O primeiro deles, “O Movimento Salve as Serras (SAS)”, escrito por Juracy Marques, Andreza Barreto e Amilton Mendes, evidencia a motivação e o pedido do movimento, ilustrando a riqueza ecoturística, de base sustentável, da região das Serras da Jacobina, bem como o ecocídio que vem ocorrendo em decorrência da expansão dos grandes empreendimentos eólicos e minerários.

“Ecologia Humana em Ambientes de Montanhas” tem Amazile Lópes como autora, com coautoria de Juracy Marques, e é parte do livro de título homônimo, que foi o resultado do seu estágio pós-doutoral no PPGEcoH, sob a supervisão de Marques. Nele, a/o pesquisadora/or argumenta que “(...) entender a interação dos seres humanos nas montanhas brasileiras pode colaborar: no uso racional da água, na otimização desse recurso e, na proteção das nascentes, entre outros aspectos” (Lópes; Marques, 2021, p. 149). Vale ressaltar que se trata de uma relevante pesquisa que traz um importante panorama de estudos precedentes envolvendo ecologia humana e ambientes de montanha, além de um ineditismo voltado especificamente ao contexto da Serra dos Morgados, em Jaguarari, Bahia.

Em “Serras da Jacobina: entre as riquezas ambientais e as ameaças da mineração e eólicas”, Maryângela Lopes, ao lado de Almacks Luiz Silva e Juracy Marques, como o

título sugere, demonstra o potencial hidrográfico, econômico e da biodiversidade da região, afirmando que

(...) esse complexo de serras vem sofrendo uma série de ameaças que desencadeiam um processo de degradação ambiental no meio físico (relevo, solo, recursos hídricos), biótico (fauna e flora) e socioeconômico (população), em virtude de ações antrópicas como a mineração e eólicas (Silva; Marques; Lopes, 2021, p. 215).

No trabalho, a coautora e os demais (co)autores elencam alguns, entre vários, impactos ocasionados por esses empreendimentos, a exemplo de contaminação e assoreamento das águas fluviais devido aos resíduos sólidos lançados pela mineração; impactos sonoros e visuais provocados pelo ruído dos rotores e pelo agrupamento de torres e aerogeradores, além de interferências eletromagnéticas, que podem causar interferências nos sistemas de comunicação e transmissão de dados. Citando o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) apresentado pela Empresa Jardim Botânico Geração de Energia e Participação S.A, apresentam também impactos que vão de “muito pequenos” a “grandes”, sendo alguns destes a mudança na estrutura das comunidades vegetais e alteração na biodiversidade. Como “impactos pequenos”, mencionam “aumento de incidência de gravidez na adolescência”, especialmente na fase de implantação do empreendimento, em decorrência da geração de empregos e do aumento no fluxo de trabalhadores, bem como “aumento na desproporção na razão de sexo na população”, questões, evidentemente, que interessam à perspectiva ecofeminista.

“Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto e Parques Eólicos” trata-se de um capítulo ilustrativo, escrito por Guiomar Germani, que realiza um recorte para identificar o registro de Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto nos 11 municípios que compõem a Serra de Jacobina. Por meio de mapas, evidencia as “(...) áreas prioritárias para implantação de parques eólicos, correspondendo aos corredores de vento como um anúncio de que o que está acontecendo na Serra de Jacobina vai se repetir, e em alguns casos já está ocorrendo, em outras serras baianas” (Germani, 2021, p. 281).

Já o capítulo “As águas do Paragua(ç)u no contexto das Serras da Bahia” foi escrito exclusivamente por mulheres, sendo elas: Marjorie Csekö Nolasco, Michelli Valente Backer, Anais Del Jesús González Guillén e Quíssila Góes Antunes. No trabalho, as autoras destacam a relevância do rio Paraguaçu para o estado da Bahia, com seus mais de 600 km, o qual “(...) atravessa o Semiárido baiano e atende a ecossistemas diversos, além da

população de 86 municípios e seus núcleos urbanos, entre eles, os dois maiores e mais importantes no Estado, Feira de Santana e Salvador” (Nolasco *et al.*, 2021, p. 337-337). Contudo, “(...) a Bacia do Paraguaçu é dependente dos brejos de altitude e cavernas do alto Paraguaçu para existir, portanto, das Serras ou da Chapada Diamantina” (Nolasco *et al.*, 2021, p. 350), ameaçadas tanto pelo turismo predatório quanto pela mineração:

O turismo disputa com a mineração (garimpo de dragas) os espaços de água e as serras, enquanto de forma silenciosa a agricultura avança em todos os espaços agriculturáveis e ameaça as zonas de cavernas, outro elemento turístico de excelência que, atualmente, começa a ser razão de conflito ambiental e por água (Nolasco *et al.*, 2021, p. 357).

Essa abordagem dialoga diretamente com uma das discussões tecidas por Maria Mies e Vandana Shiva, na perspectiva ecofeminista, quando argumentam que

(o) “desenvolvimento” no paradigma convencional implica uma utilização mais intensiva e excessiva de água – barragens e irrigação intensiva para a agricultura da Revolução verde, água para o ar condicionado dos hotéis que crescem como cogumelos e para complexos urbanos – industriais, água para a refrigeração – bem como a poluição causada pelos despejos de resíduos industriais. Como o desenvolvimento cria mais procura de água, as necessidades de sobrevivência das crianças – e dos adultos – de água potável são sacrificadas (Shiva, 1993, p. 109).

A questão da água, portanto, é, também, uma questão ecofeminista, uma vez que o seu uso exploratório e capitalizado atinge de diferentes formas as mais variadas pessoas, interferindo nisso o gênero, a raça, a classe, o etarismo, entre outros aspectos interseccionais.

Por fim, esse primeiro relatório traz um artigo cuja coautoria é de uma mulher, Mariana Macário Lira, com autoria de José Alves de Siqueira, denominado “Conservação das Serras da Jacobina: o encontro das floras do Brasil”, que, como o título sinaliza, evidencia a presença de floras de diferentes ecossistemas, como Caatinga, Cerrado, Campo Rupestre e Floresta Atlântica, na região. Biodiversidade essa que vem sendo “(...) dilapidada e negligenciada pelas autoridades públicas, o que fere princípios constitucionais (...)” (Siqueira; Lira, 2020, p. 410).

O volume 2, intitulado *Amputações das montanhas do Sertão: ecocídio e mineração na Bahia* (2021) e organizado por Juracy Marques, Lucas Zenha Antonino e Pablo Montalvão, centra-se no registro e na denúncia dos danos irreversíveis que os empreendimentos minerários vêm causando nas Serras. Na apresentação, afirmam: “(...) o

setor mineral é o maior responsável pela precarização, acidentes, mortes e mutilações no mundo” (Marques; Antonino; Montalvão, 2021, p. 13).

Nesse volume, há a participação de 10 mulheres em um total de 24 autores/as. Os capítulos “A mineração e os conflitos territoriais na Bahia”, de Lucas Zenha Antonino e Guiomar Germani; e “Quando a Terra treme: a agonia das Serras”, de autoria de Maria Rosa Almeida Alves com coautoria de Juracy Marques, Vanessa Alves e Mateus Rosendo, respectivamente, evidenciam (e denunciam) como o setor mineral vem avançando de forma perversa sobre os territórios dos povos e comunidades tradicionais; bem como a ocorrência de sismos nas Serras da Jacobina em virtude das ações mineradoras e o risco iminente de esses tremores causarem tragédias como, por exemplo, o rompimento de barragens.

Já os seguintes capítulos são mais específicos, trazendo um interessante panorama de cidades que integram as Serras da Jacobina e os impactos socioambientais sofridos por elas, sob o protagonismo das mineradoras: “Mineração em Uauá e Curaçá: um projeto de vida ou de morte para as Comunidades de Fundo de Pasto?”, de autoria de Maryângela Ribeiro de Aquino Lira Lopes e Valdivino Rodrigues de Souza; “De ‘Campo Formoso’ a ‘Pastos Minerários’”, de Michelle Souza; “Pássaros sem asas: extração mineral no município de Andorinha”, escrito por Josiane Alves Soares Santos e Josivan da Silva Santos; “O conflito agrário-mineral no território das Comunidades Quilombolas em Nordestina, Bahia”, de Maria Aparecida de Jesus Silva e Pablo Henrique da Silva Montalvão; “As três feridas de Sento Sé: territórios, povos originários e tradicionais atravessados por processos de colonização e projetos modernizantes”, de Aurilene Rodrigues Lima e Marina da Rocha Braga, e “Garimpos nas Serras de Sento Sé: um grito de socorro”, de autoria de Mariluze Amaral.

É importante destacar que, nesses capítulos, as/os autoras/es demonstram como sobretudo as comunidades e os povos tradicionais são atingidos pelas mineradoras nesses municípios baianos. Em seu texto, Aurilene Lima e Marina Braga (2021, p. 389-390) explicam, ao se referirem ao garimpo de Quixaba, em Sento Sé, que

esse povoado foi abruptamente modificado em função da atividade do garimpo, homens e mulheres trocaram as suas atividades costumeiras como a agricultura e a pesca pelo trabalho de extração, coleta e venda da ametista, desenvolvida de forma tradicional e informal. Esses garimpos são historicamente ignorados e, em muitos casos marginalizados quando não são usados por atravessadores que sustentam uma economia que se alimenta da exploração das pessoas da região.

No volume 3, *O cárcere dos ventos: destruição das Serras pelos complexos eólicos* (2021), organizado por Juracy Marques, Andreza Barreto, Flávio Barrero e Ícaro Maia, há uma maior representatividade feminina, tendo uma mulher como organizadora: 10 textos escritos em autoria ou em coautoria por mulheres, de um total de 20 autoras/es. Esse volume se dedica à atuação antiecológica dos empreendimentos eólicos, lembrando que, para os “(...) povos ancestrais Vento é Espírito. Para o Capital, mais uma *commoditie*” (Marques *et al.*, 2021, p. 13). E complementam:

Em longo prazo, a operacionalização dessas mais de 3 mil torres já instaladas nas nossas Serras, atuam como vetores que aceleram a morte dos rios, riachos e nascentes, bem como o processo de desertificação do Semiárido, haja vista, matarem os verdadeiros jardineiros da Caatinga que são as aves e os morcegos. Sem árvores não há água e, sem aves e morcegos, não há árvores. Sem tudo isso, não há gente (Marques *et al.*, 2021, p. 15).

Ou seja, esses empreendimentos, travestidos de energia sustentável, são responsáveis pela morte de espécies raras da Caatinga, como a ararinha azul; e aves e morcegos que são importantes polinizadores, além do comprometimento da paisagem natural, entre outras consequências que os seguintes capítulos, com a participação feminina, bem abordam: “Terras públicas, comunidades tradicionais e corredores de vento: caminhos da energia eólica na Bahia”, de Carolina Silva Ribeiro e Gilca Garcia de Oliveira; “Caçadores de Sacis: o redemoinho de projetos eólicos na Chapada Diamantina”, escrito por Gislene Moreira Gomes; “A transformação da Caatinga num açougue de espécies raras: sucos e bifes de araras, morcegos e onças”, de Alan Ferreira Bonfim e Karolaine Gonçalves da Silva; “Eólicas e biodiversidade no Boqueirão da Onça: uma combinação possível?”, de autoria de José Alves de Siqueira, Mariana Macário de Lira e Maria Jaciane de Almeida Campelo; “A cartografia do invisível: o tempo para além do vento”, de Juracy Marques, Ícaro Maia, Robson Marques dos Santos, Joaquim Novaes, Alzení de Freitas Tomáz, Maria Rosa Almeida Alves e Vanessa Silva Santos; “Parques eólicos na Serra do Tombador ou “Santos Unidos na Casa dos Ventos”, de Flávio Marques C. Barrero, Juracy Marques, Amilton Mendes de Oliveira e Andreza Barreto Oliveira.

O texto de Gislene Gomes, único escrito exclusivamente por uma mulher, é representativo daquilo que define a discussão do volume:

Entre boatos, visitas invasivas nas comunidades, anúncios midiáticos cheios de mistérios, processos burocráticos sinuosos e muita desinformação pública, os caçadores de sacis vão tentando descobrir o impacto dos grandes projetos eólicos na Chapada. A primeira certeza destes caçadores é de que, pouco a pouco, o Território da Chapada Diamantina, suas fontes de água e suas paisagens exuberantes integram agora os mapas prioritários dos principais empreendimentos de energia eólica do país (Gomes, 2021, p. 67).

Metaforicamente, sacis são os sujeitos diretamente envolvidos nos grandes empreendimentos, ao passo que os/as caçadores/as são ativistas como a autora e as/os demais autoras/es que compõem o volume. A Chamada Diamantina foi o território analisado por Gislene, mas é alegórico em relação aos demais territórios que integram as Serras da Jacobina, visto que todos eles sofrem os efeitos da expansão desses empreendimentos, tanto no que diz respeito às naturezas humanas quanto às mais-que-humanas.

Por outro lado, no volume 4, intitulado *O Fogo do Fogo: ecologia e política das queimadas nas Serras do Sertão* (2024), há a menor atuação de mulheres, entre todos os volumes: apenas duas, de um total de 14. Contudo, ainda assim, pela forte presença da autoria feminina nos volumes precedentes, compreendemos que houve uma significativa agência de mulheres nesses volumes que contemplaram os quatro elementos da Natureza: a água (vol. 1); a terra (vol. 2); o ar (vol. 3) e o fogo (vol. 4). Ameaçados, respectivamente, pelas perfurações indiscriminadas de poços e por ações não sustentáveis que atingem as nascentes; pelas mineradoras; pelas eólicas e pelas queimadas criminosas. Os capítulos são: “Reza do Fogo: da tradição à traição das chamas sagradas”, escrito por Juracy Marques, Alzeni Tomáz, Robson Marques e Amilton Mendes, que trata das queimadas como uma “traição” da sacralidade do fogo; e “Mulheres do Fogo: queimadas e ecofeminismo nas Serras do Sertão”, de nossa autoria, argumentando que “(q)ueimar criminosamente mulheres e matas faz parte de um mesmo projeto: controlar e explorar naturezas (insubordinadas)” (Silva; Marques, 2024, p. 124). Esse último volume, vale destacar, traz o ecofeminismo para a discussão, o que é um passo para a educação ecofeminista que apontamos.

Esse panorama das produções que integram os 4 volumes dos relatórios do SAS, com a participação direta de mulheres, evidencia que os discursos defendidos nessas produções dialogam com a abordagem ecofeminista em vários âmbitos: compreensão da Natureza como um organismo vivo, um ser de direito; crítica ao sistema patriarcal-capitalista, aos (neo)colonialismos; entre outros aspectos de igual importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nos propomos a olhar, sob a lente ecofeminista, a atuação de mulheres das Serras da Jacobina no Movimento Salve as Serras, tendo como princípio o fato de ele, atualmente, ser um potente instrumento de luta contra o ecocídio que vem ocorrendo na região e de mulheres, advindas de movimentos sociais e de instituições de ensino pública, estarem atuando em favor da Natureza por esta via de poder (por muitos anos negada às mulheres), que é a palavra/escrita científica publicada. Essa agência é expressiva, ainda que o número de homens como autores seja predominante, o que é evidente em ambientes institucionalizados. Contudo, na prática, as entrevistas revelam que essas mulheres estão, também, na coordenação do movimento, o que é de extrema relevância.

O ecofeminismo, como assinalamos, é praticado, e teorizado por uma entrevistada específica. Em nenhum dos textos analisados há qualquer menção a essa perspectiva crítica, o que nos leva a propor práticas de educação formal e informal, por meio das associações e do próprio SAS (os relatórios são um relevante material, também, educativo), que considere o diálogo com essa perspectiva que tem a(s) Natureza(s) como objeto de estudo. Aqui, argumentamos que o ecofeminismo potencializa as discussões inseridas no campo da ecologia humana – como as elaboradas pelo SAS –, visto que ela aponta para a necessidade de se considerar as interseccionalidades que perpassam o que se compreende por Natureza e Cultura.

REFERÊNCIAS

- ALAIMO, Stacy. Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. Tradução Susana Funck. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 909-934, 2017 (2010).
- ALVES, Maria Rosa Almeida; MARQUES, Juracy; SANTOS, Vanessa Silva; ROSENDO, Mateus. Quando a Terra treme: a agonia das Serras. *In*: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão: ecocídio e mineração na Bahia**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 163-181
- AMARAL, Mariluze. Garimpos nas Serras de Sento Sé: um grito de socorro. *In*: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão: ecocídio e mineração na Bahia**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 413-439
- BONFIM, Alan Ferreira; SILVA, Karolaine Gonçalves da Silva. A transformação da Caatinga num açougue de espécies raras: sucos e bifés de araras, morcegos e onças. *In*:

MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. **O cárcere dos ventos**: destruição das Serras pelos complexos eólicos. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 3. p. 155-193

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010.

GAARD, Greta. Ecofeminism Revisited: Rejecting Essentialism and Re-Placing Species in a Material Feminist Environmentalism. **Feminist Formations**, v. 23, n. 2, p. 26-53, 2011.

GERMANI, Guiomar. Comunidades de fundo e fecho de pasto e parques eólicos. *In*: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). **Ecocídio das Serras do Sertão**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 279-283

GERMANI, Guiomar; ANTONINO, Lucas Zinha. A mineração e os conflitos territoriais na Bahia. *In*: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**: ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 29-69

GOMES, Gislene Moreira. Caçadores de Sacis: o redemoinho de projetos eólicos na Chapada Diamantina. *In*: MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. **O cárcere dos ventos**: destruição das Serras pelos complexos eólicos. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 3. p. 65-83

KING, Ynestra. Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. *In*: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LEAR, Linda. Introdução. *In*: CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010. p. 11-19.

LIMA, Aurilene Rodrigues; BRAGA, Marina da Rocha. As três feridas de Sento Sé: territórios, povos originários e tradicionais atravessados por processos de colonização e projetos modernizantes. *In*: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**: ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 377-408

LÓPES, Amazile; MARQUES, Juracy. Ecologia Humana em Ambientes de Montanha. *In*: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). **Ecocídio das Serras do Sertão**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 109-163

LOPES, Maryângela Ribeiro de Aquino Lira; SOUZA, Valdivino Rodrigues de. Mineração em Uauá e Curaçá: um projeto de vida ou de morte para as Comunidades de Fundo de Pasto. MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**: ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 183-213

MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**: ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2

MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. **O cárcere dos ventos**: destruição das Serras pelos complexos eólicos. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 3

MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; MENDES, Amilton. O Movimento Salve as Serras (SAS). *In: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). Ecocídio das Serras do Sertão.* Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 53-76

MARQUES, Juracy; MAIA, Ícaro; NEGREIROS, Gustavo (orgs.). **O Fogo do Fogo:** ecologia e política das queimadas nas Serras do Sertão. Paulo Afonso: SABEH, 2024. v. 4.

MARQUES, Juracy; MAIA, Ícaro; SANTOS, Robson Marques dos; NOVAES, Joaquim; TOMÁZ, Alzení de Freitas; ALVES, Maria Rosa Almeida; SANTOS, Vanessa Silva. A cartografia do invisível: o tempo para além do vento. *In: MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. O cárcere dos ventos:* destruição das Serras pelos complexos eólicos. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 3. p. 221-249

MARQUES, Juracy; TOMÁZ, Alzení de Freitas; MARQUES, Robson Marques; Amilton Mendes. Reza do Fogo: da Tradição à Traição das Chamas Sagradas. *In: MARQUES, Juracy; MAIA, Ícaro; NEGREIROS, Gustavo (orgs.). O Fogo do Fogo:* ecologia e política das queimadas nas Serras do Sertão. Paulo Afonso: SABEH, 2024. v. 4. p. 61-119

MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). **Ecocídio das Serras do Sertão.** Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1

MIES, Maria. O dilema do homem branco: a procura do que deve ser destruído. *In: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. Ecofeminismo.* Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 175-212.

MIES, Maria. O dilema do homem branco: a procura do que deve ser destruído. *In: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. Ecofeminismo.* Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 175-212

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. Introdução: porque escrevemos este livro juntas. *In: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. Ecofeminismo.* Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 9-34.

NETTO, Amazile Lópes; MARQUES, Juracy. **Ecologia Humana em ambientes de montanha.** Paulo Afonso: SABEH, 2017.

NOLASCO, Marjorie Csekö; BACKER, Michelli Valente; GUILLÉN, Anais Del Jesús González; ANTUNES, Quíssila Góes. As águas do Paragua(ç)u no contexto das Serras da Bahia. *In: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). Ecocídio das Serras do Sertão.* Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 337-370

PULEO, Alicia H. Perspectivas ecofeministas da ciência e do conhecimento: a crítica ao viés andro-antropocêntrico. Tradução Carlos Fils Puig. **Em Construção**, n. 5, p. 163-173, 2019.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Carolina Silva; OLIVEIRA, Gilca Garcia de. Terras públicas, comunidades tradicionais e corredores de vento: caminhos da energia eólica na Bahia. *In: MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. O cárcere dos ventos:* destruição das Serras pelos complexos eólicos. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 3. p. 23-60

SANTOS, Josiane Alves Soares; SANTOS, Josivan da Silva. Pássaros sem asas: extração mineral no município de Andorinha. *In: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). Amputações das Montanhas do Sertão:* ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 283-333

SHIVA, Vandana. O empobrecimento do ambiente: as mulheres e as crianças para o fim. *In: MIES, Maria; SHIVA; Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 95-119*

SILVA, Almacks Luiz; MARQUES, Juracy; LOPES, Maryângela Ribeiro de Aquino Lira Lopes. Serras da Jacobina: entre as riquezas ambientais e as ameaças da mineração e eólicas. *In: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). **Ecocídio das Serras do Sertão**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 213-246*

SILVA, Edilane Ferreira da. **Quem tem medo do essencialismo**: o ecofeminismo estratégico dos contos de fadas de Marina Colasanti. 2021. 161 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SILVA, Edilane Ferreira; MARQUES, Juracy. Mulheres do Fogo: queimadas e ecofeminismo nas Serras do Sertão. *In: MARQUES, Juracy; MAIA, Ícaro; NEGREIROS, Gustavo (orgs.). **O Fogo do Fogo**: ecologia e política das queimadas nas Serras do Sertão. Paulo Afonso: SABEH, 2024. v. 4. p. 121-139*

SILVA, Maria Aparecida de Jesus; MONTALVÃO, Pablo Henrique da Silva. O conflito agrário-mineral no território das Comunidades Quilombolas em Nordestina, Bahia. *In: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**: ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 337-373*

SIQUEIRA, José Alves de; LIRA, Mariana Macário de; CAMPELO, Maria Jaciane de Almeida. Eólicas e biodiversidade no Boqueirão da Onça: uma combinação possível? *In: MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. **O cárcere dos ventos**: destruição das Serras pelos complexos eólicos. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 3. p. 197-215*

SIQUEIRA, José Alves de; LIRA, Mariana Macário. Conservação das Serras da Jacobina: o encontro das floras do Brasil. *In: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (orgs.). **Ecocídio das Serras do Sertão**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 409-458*

SMITH, Andy. Ecofeminism through an Anticolonial Framework. *In: WARREN, Karen (Ed.). **Ecofeminism** – Women, Culture, Nature. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1997. p. 21-37.*

SOUZA, Michelle. De “Campo Formoso” a “Pastos Minerários”. *In: MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (orgs.). **Amputações das Montanhas do Sertão**: ecocídio e mineração na Bahia. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 2. p. 217-278*

WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters. Lanham, Maryland: Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.